

A TÉCNICA MODERNA E A EXIGÊNCIA ÉTICA¹

MODERN TECHNIC AND THE DEMANDS OF ETHICS

Paulo Thiago Alves Souza²

Resumo: Esta resenha refere-se ao segundo capítulo da obra “*Técnica, Medicina e Ética*” escrita pelo filósofo alemão Hans Jonas, intitulado: *Por que a técnica moderna é objeto da ética* do livro *Técnica, Medicina e Ética*. Neste capítulo o filósofo enfoca a problemática da técnica moderna tomando como principais características a ambivalência dos efeitos, a inevitabilidade da aplicação e as dimensões globais e temporais, insistindo na exigência da responsabilidade ética sobre o progresso técnico.

Palavras-chave: Técnica. Ética. Responsabilidade.

Abstract: This review refers to chapter two entitled *Why modern technique is the subject of ethics* in the book *Ethics, Medicine and Ethics* written by the German philosopher Hans Jonas. In this chapter the philosopher focuses on the problems of modern art with main features the ambivalence of the effects, the application of inevitability and global and temporal dimensions, emphasizing the requirement of ethical responsibility on technical progress.

Keywords: Technic. Ethics. Responsibility.

Hans Jonas foi um filósofo de origem judaica, nascido na Alemanha (1903-1993). Sua trajetória filosófica pode ser dividida em três fases: A primeira iniciada em 1921 onde frequentou as aulas de Martin Heidegger na Universidade de Freiburg e depois na Universidade de Marburg, onde manteve contato com Rudolf Bultmann, que o orientou em seus estudos sobre o gnosticismo. A segunda fase ocorreu nos anos 1960 e foi marcada pelo desenvolvimento de uma filosofia da biologia, onde refletiu sobre o alcance filosófico na questão da vida. Esta fase também está marcada pela publicação da obra *The Phenomenon of life* (1966). Na terceira fase Jonas buscou as bases de uma ética da responsabilidade, expostas em sua grande obra conhecida como *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, publicada em alemão no ano de 1979 e traduzida para o inglês em 1984. Como fio condutor do pensamento de Hans Jonas, podem ser destacadas as obras: *O Princípio Vida* (2004), *O Princípio Responsabilidade* (2015) e *Técnica, Medicina e Ética: sobre a prática do princípio responsabilidade* (2013).

A obra *Técnica, Medicina e Ética*, publicada no Brasil pela editora *Paulus* em 2013, é composta por doze capítulos onde Hans Jonas levou para o campo de aplicação a exigência de

¹ JONAS, Hans. Capítulo 2: Por que a técnica moderna é objeto da ética. In: *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. Trad. Grupo Hans Jonas ANPOF. São Paulo: Paulus, 2013. p. 51-61.

² Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Piauí /Bolsista CAPES. E-mail: pthiago21@hotmail.com (86) 8167-7403

uma ética da responsabilidade sobre os âmbitos da biotecnologia e das práticas médicas, refletindo principalmente a problemática ameaçadora da técnica moderna sobre a natureza e as gerações futuras. No capítulo dois, Jonas propõe analisar a relação da técnica com a ética: “[...] a técnica é um exercício do *poder* humano, isto é, uma forma de ação [*Handelns*], e toda forma de ação humana está sujeita a uma avaliação moral”³. Com ênfase na técnica moderna, Jonas observa uma preocupação no poder que dela emana e que pode causar benefícios, mas também malefícios. Para o autor é necessário um esforço do pensamento ético para estudar sua especificidade em relação às técnicas do passado: “Minha tese é que, de fato, a técnica moderna constitui um caso novo e especial [...]”⁴. Neste sentido, Hans Jonas irá apresentar nos tópicos seguintes cinco razões que procuram argumentar acerca desta especificidade da técnica moderna: 1. *Ambivalência dos Efeitos*; 2. *Inevitabilidade da Aplicação*; 3. *Dimensões Globais no Espaço e no Tempo*; 4. *Rompimento com o Antropocentrismo*; 5. *A Emergência da Questão Metafísica*.

No tópico 1. *Ambivalência dos Efeitos*, Hans Jonas expõe que o poder que emana da técnica moderna traz consigo duas faces: uma boa outra ruim. Mesmo no aumento das intenções mais benéficas de sua implementação, os efeitos ruins apareceriam intrinsecamente ligados. O autor afirma que se o plano de causar efeitos benéficos a todo custo constitui a intensão da técnica moderna, a problemática não se situa mais no campo qualitativo, onde o problema moral estaria exposto, mas no campo quantitativo.

A constatação de Jonas é que a técnica não pode se furtar as questões éticas se apoiando em uma pretensa noção de neutralidade. A questão é que o “germe” do mal está à espreita, a “pressão das carências humanas” reivindicam de diversos modos um sucesso da técnica em vista de seus problemas, no entanto, Jonas adverte: “Uma ética apropriada para a técnica tem de atender esta ambiguidade [*Mehrdeutigkeit*] inerente à ação técnica”⁵.

O tópico 2. *Inevitabilidade da Aplicação*, o filósofo alemão inicia com a premissa de que a “capacidade ou poder não significa seu uso”, ou seja, que as relações mantidas entre “poder e fazer”, “saber e aplicação”, “posse e exercício de um poder”, não constituem, em tese, que um habilite o outro. Decerto Hans Jonas observa que se tratando da técnica na sociedade moderna, estas relações estão implicadas em uma atualização constante. É importante situar nesta mesma comunidade técnica moderna o “[...] potencial técnico a partir

³ JONAS, 2013, p. 51.

⁴ JONAS, 2013, p. 51.

⁵ JONAS, 2013, p. 52.

da inter-relação de todas as suas partes”⁶. O desenvolvimento não se dá de modo isolado, mas deve ser ampliado em grande escala, pois, possui uma necessidade vital permanente, análoga à relação entre o poder respirar e o ter de respirar. Desta forma, poder e fazer são parte da mesma engrenagem: “Assim à técnica, o poder humano intensificado em atividade permanente, não só é negado (tal como mostrado acima) o livre espaço da neutralidade ética, mas também a benévola separação entre posse e exercício do poder”⁷. O produto contínuo desta atividade permanente e inevitável não circula isoladamente, mas tem seus efeitos na ação coletiva.

No tópico 3. *Dimensões Globais no Espaço e no Tempo*, a premissa norteadora reza que a ação e o efeito constituem um aspecto de grandeza na significação moral. A ação da técnica moderna, mesmo em seu espaço localizado, dimensiona cada vez mais e aumenta sua possibilidade inevitavelmente. Acrescenta Hans Jonas que as dimensões extensivas eram desconhecidas das antigas técnicas, por isso, a capacidade técnica é expansiva e coletiva, como já havia expressado anteriormente. Neste sentido de expansão que ela se estende globalmente no espaço e no tempo:

A técnica moderna tende intimamente a um uso de grandes dimensões e talvez por isso se torne grande demais para o tamanho do palco no qual se desenvolve – a terra – e para o bem dos próprios atores – os seres humanos. Uma coisa, pelo menos, é certa: ela e suas obras se estendem por todo globo terrestre; seus efeitos cumulativos atingirão possivelmente inúmeras gerações futuras. Com o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões de pessoas, alhures e no futuro, que não foram consultadas a esse respeito⁸.

Jonas afirma que nossas “decisões prático-mundanas cotidianas” permeadas pelas dimensões remotas, futuras e globais, cumprem um princípio mais caro para a ética que é denominado responsabilidade. A técnica moderna, portanto, deve ater-se à honestidade, mesmo tendo um alcance particular de suas causas e efeitos e cumprir responsabilidade em relação às gerações futuras.

No tópico 4. *Rompimento com o Antropocentrismo*, retomando as questões apresentadas nos tópicos anteriores, principalmente a relação da ética com a ampliação das dimensões globais e temporais, a nova concepção e os objetivos da ética se modificam. Diferencia-se das éticas anteriores que tinham como pressuposto o “monopólio antropocêntrico”, ou seja, sempre o bem humano que deveria ser correspondido ou fomentado: “O objeto do dever humano eram os homens, no caso extremo, a humanidade, e

⁶ JONAS, 2013, p. 53.

⁷ JONAS, 2013, p. 53.

⁸ JONAS, 2013, p. 54.

nada mais neste mundo”⁹. Para Jonas o antropocentrismo não faleceu, mas perdeu sua força, pois outros elementos saltam com mais prioridade e se incorporam à responsabilidade ética. Estes elementos compõem-se principalmente da “biosfera inteira do planeta” com todas as suas espécies, que estão em vulnerabilidade devido ao uso desenfreado e irresponsável que o ser humano faz das reservas naturais:

O direito exclusivo do homem ao respeito humano e à consideração moral se rompeu exatamente com sua obtenção de um poder quase monopolístico sobre o resto da vida. Como poder planetário de primeira ordem, ele já não pode mais pensar apenas em si mesmo”¹⁰.

O fato anterior das gerações futuras é retomado ainda neste tópico, principalmente, como expressa Jonas, no tocante de não se deixar as gerações futuras desoladas. Esta situação de responsabilidade estreitaria as relações inter-humanas em diversos pontos da existência, mas para que isto ocorra também é necessário conservar a vida que se encontra em toda parte, na natureza: “Pois vida extra-humana, natureza empobrecida, significa também uma vida humana empobrecida”¹¹. Mas Jonas adverte que sua preservação deve ir para além de uma pretensão utilitarista ou antropocêntrica para evitar o crime contra tudo o que existe.

Ele conclui este quarto tópico afirmando que a técnica, “obra friamente pragmática da astúcia humana”, transforma o ser humano em um “guardião da criação”, alcunha antes atribuída pela religião. O dever e a responsabilidade do ser humano se amplificam para o futuro da vida na terra, no entender de Jonas, uma “responsabilidade cósmica”, decorrente, sobretudo, da visível ameaça de destruição, o que remete a uma descoberta da solidariedade com o mundo:

A iniciante ética ambiental, que se agita entre nós de maneira verdadeiramente sem precedentes, é a expressão ainda titubeante dessa expansão sem precedentes de nossa responsabilidade que responde, por sua vez, à expansão sem precedentes do alcance de nossos feitos.

No último tópico 5. *A Emergência da Questão Metafísica*, a premissa enfocada por Jonas denuncia o “potencial apocalíptico da técnica”, por conseguinte, coloca uma questão mais fundamental: por que deve haver humanidade? Por que há vida em geral? Tais questões visam tocar no fundamento ético da técnica. Ainda neste tópico Jonas aproveita para fazer um resumo das questões trabalhadas anteriormente, principalmente no tocante ao tema da “ambivalência” e da “grandeza”. O autor alemão apresenta uma “ética da técnica” que fundada em uma moral temperante poria um limite à sua enfermidade:

⁹ JONAS, 2013, p. 54.

¹⁰ JONAS, 2013, p. 55.

¹¹ JONAS, 2013, p. 56.

Estas breves reflexões pretendiam mostrar o quanto a “ambivalência” da técnica está estreitamente ligada à sua “grandeza”, isto é, à desmesura de seus efeitos no espaço e no tempo. O que é “grande” e “pequeno” se determina pela finitude de nosso palco terrestre – um dado que nunca podemos perder de vista¹².

Hans Jonas conclui este tópico (por conseguinte o referido capítulo) com uma preocupante reflexão, mas também com uma advertência. O autor afirma que num passo ou progresso que damos na chamada “grande técnica”, legamos à posteridade um passo que será pago pelas gerações futuras. A técnica contemporânea é tirânica e impele sua multiplicação muitas vezes, os seres humanos estão tiranizados pelas suas próprias obras, o que torna imperativo buscar na autonomia humana, a dignidade que nos coloca ante qualquer controle das máquinas: “[...] temos de trazer o galope tecnológico sob um controle extratecnológico”¹³.

¹² JONAS, 2013, p. 59

¹³ 2013, p.61